

TORORÓ

PMS / FMLF
BIBLIOTECA

Jornal: *Tribuna de B.*

Data: *08 e 09/08/09*

Caderno: *Salvador* Página: *14*

Assunto: *Bairros*

Perto do centro da cidade, mas um recanto residencial

NELSON ROCHA

Desde a época colonial, a população de Salvador tinha por hábito se abastecer nas águas do Dique do Tororó, fato que gerou até uma quadrinha popular ainda cantada até hoje: "Eu fui ao Tororó / Beber água e não achei / Encontrei linda morena / Que no Tororó deixei...". Hoje, se no bairro do Tororó raramente falta água, em compensação há escassez de infra-estrutura básica em saneamento e a comunidade também sente falta de segurança. Entretanto, apesar do incômodo que os itens citados podem provocar, ninguém pensa em se mudar. O Tororó continua sendo um bairro tipicamente residencial, familiar, central e abastecido, principalmente de alegria, proporcionada por dezenas de bares abertos ao longo da rua José Duarte, única para entrada e saída para quem estiver motorizado, e que dá acesso à praça Dodô & Osmar, uma homenagem aos inventores do Trio Elétrico.

"Não tem segurança aqui não. É muito difícil. Esses dias até que parou mais. Antes tinha muito assalto", revela a comerciante Silvaney Lopes, 36, que há 10 anos deixou a Chapada Diamantina para trás e veio morar próximo ao centro nervoso da capital. Porém, este lado triste do bairro não interfere na alegria de viver no Tororó. "Apesar de estar perto da confusão do centro, aqui ainda é um bairro tranquilo. Não pretendo sair daqui tão cedo", afirmou. "Morar aqui é ótimo. O chato são os assaltos que de vez em quando rolam à noite, na entrada do bairro que fica deserta. Mas dentro do Tororó mesmo é só paz e união", declarou o estudante

Tiago dos Santos, 24.

O bairro do Tororó tem sua história marcada por uma lagoa natural e secular que chegou a ter seis quilômetros de extensão: o Dique do Tororó. Invasores e ocupantes da cidade de Salvador, os holandeses, em 1624 reforçaram suas defesas naturais contra os portugueses, uma das quais era o Riacho das Tripas, então represado, que deu origem ao largo cinturão de águas e terras pantanosas depois denominadas Dique do Tororó. No bairro, está o maior estádio de futebol do estado da Bahia - Estádio Octavio Mangabeira, popularmente conhecido como Fonte Nova.

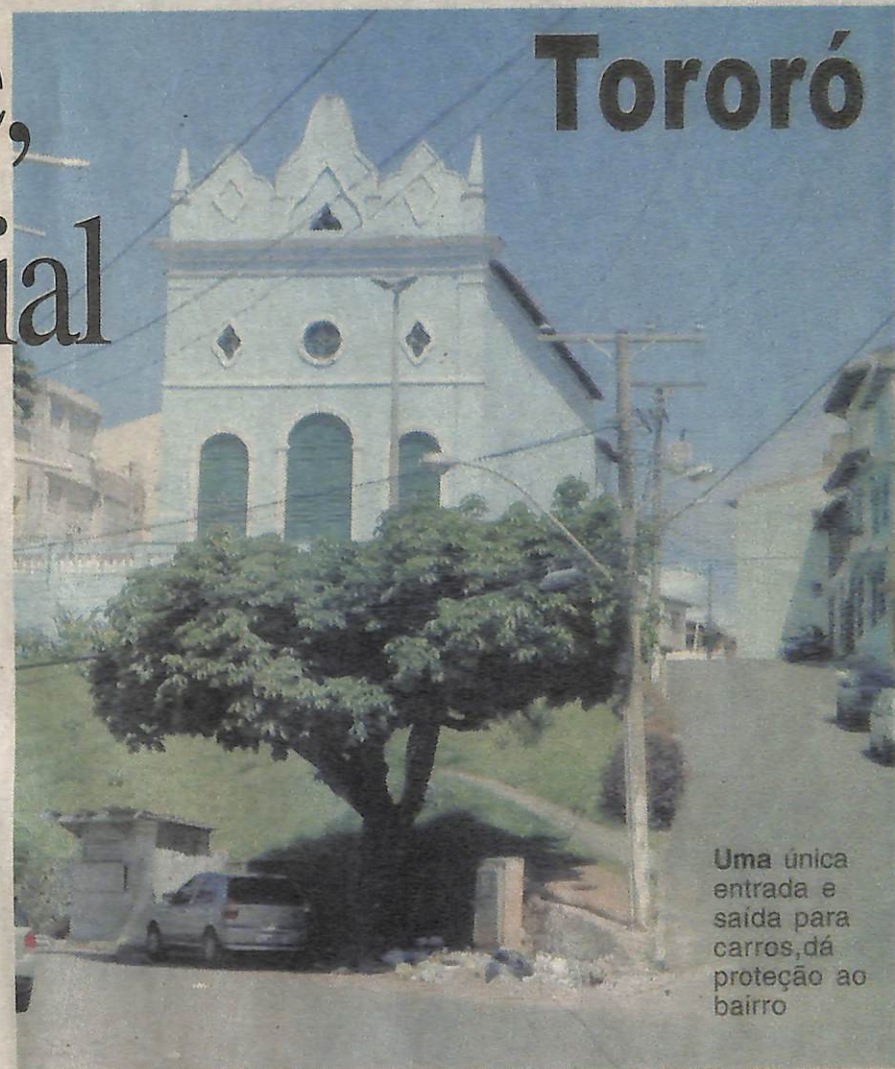
Mas, o Tororó também é famoso por ter sido um dos símbolos dos antigos carnavais, com o seu próprio calendário de festas, e com destaque para a Lavagem da Igreja que acontecia uma semana antes do Carnaval. Berço do mais famoso bloco de índios da folia baiana, os Apaches do Tororó, lá é possível de tudo encontrar, do salão de beleza à locadora, de um hospital só para crianças (Margarida Gesteira) à butique repleta de confeções. "O bairro é beleza pura, mas apesar de ter um hospital os moradores têm que sair pra outro lugar quando precisa de uma assistência. Até que um posto de saúde caíria bem aqui", comentou Paulo Sérgio de Jesus, 46, com 10 anos de venda de doces e salgadinhos na José Duarte.

Ao redor da Capelinha do Tororó, no fim de linha, a impressão que desperta no visitante é de estar numa pequena cidade do interior. Famílias conversam tranquilamente nas portas das casas, quase todas com cachorros, enquanto garotos brincam sem se importarem com os raros car-

ros que passam no asfalto irregular. "Moro aqui há 30 anos e só mudou pra melhor. Aqui é praticamente um paraíso", ressaltou o ascensorista Márcio Messias, 38, para, em seguida, apenas reivindicar a melhora do transporte coletivo, que se resume a um micro estilo "Amarelinho" que circula no bairro em horários alternados.

"Vagabundo aqui não abusa. Abusa por fora, mas aqui mesmo só se a pessoa der muito vacilo. O ruim é o som alto dos carros no fim de semana"

dona Carminha



Uma única entrada e saída para carros, dá proteção ao bairro

"Aqui estou bem, graças a Deus"

A aposentada Maria Santana, 69, conhecida como dona Carminha, mora sozinha e apenas se queixa da "zoada à noite. Idoso quer desconto, paz, sossego, e como os bares, principalmente nos fins de semana, vão até tarde, a noite, e a gente não tem. O pessoal chega, para os carros e abre o som a todo volume, sem respeitar a paz dos mais velhos. Mas ainda é um lugar bom de morar. Vagabundo aqui não abusa. Abusa por fora, mas aqui mesmo só se der muito vacilo. Aqui eu estou bem, graças a Deus".

Manoelito da Silva, 60, se orgulha de ser o zelador do prédio onde mora uma celebridade: A escritora Mabel Veloso, natural de Santo Amaro, irmã de Caetano e Maria Bethânia. Para ele o Tororó "não incomoda em nada". Já José Dias de Olivei-

ra, 47, que há 19 anos abriu um bar no bairro, admite que a concorrência seja grande. "Quando eu comecei tinha quatro e hoje são 29 bares". Com 20 anos de Tororó, confirma que só fecha o estabelecimento "depois que o último cliente vai embora". Afirma que o bairro "é bom de viver e o único problema é com relação à segurança, que é uma coisa geral, que afeta todos os bairros. Aqui é como se fosse uma comunidade".

A tranquilidade local, portanto, só é interrompida com o movimento noturno dos bares. "Realmente à noite incomoda. Não tem hora pra fechar. Rola muita briga. O pessoal estaciona no meio da rua, põem mesas nas calçadas e no asfalto, a gente tem que passar entre a farra e o perigo".